



O protagonismo dos avós cuidadores na escolarização de seus netos

The leading role of caregiver grandparents in their grandchildren's schooling

Tatiane Kelly Pinto de Carvalho

Núbia Regina Moreira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Vitória da Conquista/BA-Brasil

Resumo

Este artigo traz resultados de uma pesquisa desenvolvida no campo da Sociologia da Educação e que teve como principal objetivo compreender as principais táticas e estratégias educativas de avós cuidadores que contribuíram para a longevidade escolar e a inserção dos netos pertencentes aos meios populares no Ensino Superior público. A metodologia de pesquisa, de cunho qualitativo, pautou-se na realização de entrevistas semiestruturadas com cinco estudantes ingressantes, no ano de 2024, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (*campus* Vitória da Conquista). Os resultados mostram que a trajetória escolar desses indivíduos foi marcada por desafios, traumas, *bullying*, racismo e força de vontade para avançar nos estudos. Neste percurso, o papel dos avós cuidadores foi essencial, prestando suporte financeiro e emocional, mesmo com baixos níveis de escolaridade e recursos.

Palavras-chave: Avós cuidadores; Práticas Educativas; Longevidade Escolar.

Abstract

This article presents the results of research conducted in the field of Sociology of Education, which aimed to understand the main educational tactics and strategies of grandparents as caregivers that contributed to the longevity of schooling and the inclusion of grandchildren from working-class backgrounds in public higher education. The qualitative research methodology consisted of conducting semi-structured interviews with five students who entered the State University of Southwest Bahia (Vitória da Conquista campus) in 2024. The results show that the educational trajectory of these individuals was marked by challenges, traumas, bullying, racism, and a strong will to advance in their studies. In this journey, the role of grandparents as caregivers was essential, providing financial and emotional support, even with low levels of education and resources.

Keywords: Caregiver grandparents; Educational practices; Academic longevity.

Introdução

A participação mais efetiva das mulheres no mercado de trabalho a partir dos anos 1970 (Guedes; Alves, 2004) apresentou a necessidade da presença de outras pessoas para auxiliar no cuidado com os filhos. Destacam-se, nesse papel, os avósⁱ cuidadores, que oferecem apoio afetivo e emocional aos netos por eles criados e/ou cuidados, bem como contribuem economicamente para o sustento de muitas famílias que dependem de seus membros aposentados para sobreviver (Camarano, 2020; Rabinovich; Bastos, 2019).

Neste cenário, marcado por novas configurações familiaresⁱⁱ, Bragato et al. (2023) explicam que, justamente pelo fato de as famílias contemporâneas serem plurais e apresentarem múltiplas organizações, a relação de cuidado entre avós e netos é um aspecto invisível para a sociedade, o Estado e mesmo a pesquisa acadêmico-científica. O estudo de Carvalho (2023) corrobora essa perspectiva, uma vez que aponta a grande lacuna de pesquisas sobre avós cuidadores no campo da Educação. Esse déficit de pesquisa é especialmente expressivo quando consideramos netos na fase adulta.

Considerando, então, a participação ativa destes indivíduos na organização social atual, constatamos a necessidade de investigar as práticas educativas desenvolvidas por avós cuidadoresⁱⁱⁱ a partir das seguintes problematizações: *Quais foram as principais estratégias, táticas e mobilizações educativas dos avós cuidadores de camadas populares que influenciaram a longevidade escolar e a inserção de seus netos no Ensino Superior Público? A quais redes de apoio estes avós recorriam para contribuir na trajetória escolar dos netos?* Como objetivo geral, nosso intuito foi compreender as principais táticas e estratégias educativas de avós cuidadores, pertencentes às camadas populares, que contribuíram para a longevidade escolar e a inserção de seus netos na universidade pública.

Os resultados que originaram este artigo são fruto de cinco entrevistas realizadas com estudantes de uma universidade pública no interior da Bahia, no ano de 2024, que tiveram seus avós como cuidadores. Nossa intenção é trazer contribuições relevantes para o campo da educação ao abordar um tema pouco estudado, mas que provoca reflexões sociológicas, pedagógicas e históricas sobre família e longevidade escolar nas camadas populares, em especial nas configurações em que avôs e avós são os (as) protagonistas. Como menciona Portes (2014), a vida dos estudantes brasileiros ainda é pouco conhecida, justificando a relevância de pesquisas que se debrucem a compreender a escolarização nestes arranjos familiares.

Reconfigurações nas famílias contemporâneas: avós e avôs cuidadores

Os processos de urbanização e industrialização nos países ocidentais, no século passado, contribuíram para mudanças significativas nas famílias (Rosa *et al.*, 2022). A esse respeito, Biasoli-Alves (1997) pontua que, nas primeiras décadas do século XX, as famílias brasileiras eram formadas por um número elevado de filhos, com pouca diferença de idade de um para o outro, e com contato constante entre as gerações mais velhas e mais novas, que, muitas vezes, moravam na mesma casa. Já nas décadas de 1930 e 1940, a autora relata que as famílias passam a cultivar atividades religiosas, sociais e de lazer, sendo comum os mais velhos passarem aos mais novos a própria experiência e conhecimento.

Entretanto, desde a segunda metade do século XX, o conceito de família e seu *modus operandi* vem sofrendo mudanças significativas. Carvalho (2023) afirma que, dentre as transformações observadas, podemos destacar a diminuição da taxa de fecundidade, a regularização da união estável, o surgimento de diversos modelos de famílias, dentre outras alterações na estruturação familiar. Estas remodelações, segundo Camarano (2022), resultaram também no crescimento da população idosa no país, que desde o período compreendido entre 1950-1970 vem passando por significativa queda da mortalidade e aumento da expectativa de vida. Na visão da autora, o prolongamento da vida humana é uma das conquistas sociais mais relevantes da segunda metade do século passado (Camarano, 2022).

Ao reconhecermos, então, que os idosos estão cada vez mais presentes na sociedade contemporânea, faz-se necessária e urgente a desmistificação das pessoas mais velhas como sujeitos passivos. Pontuamos ainda, com base no crescimento da expectativa de vida, que as gerações têm tido a oportunidade de convivência longa. Neste aspecto, os avós, como ressaltam Bragato *et al.* (2023), vêm assumindo um papel sociofamiliar relevante e têm se tornado protagonistas da educação formal e informal dos netos por eles cuidados e/ou criados, suscitando o interesse de pesquisadores do campo educacional.

Entendemos por educação informal o ensinamento de costumes, valores, cultura, desenvolvimento de habilidades e experiências cotidianas que propiciam e favorecem a educação formal na escola, sendo a família a principal e primeira instituição responsável por esta educação. Dito isso, reconhecer o protagonismo dos avós cuidadores na escolarização de seus netos e netas pertencentes aos meios populares destaca a relevância do tema e, ao

mesmo tempo, sugere a necessidade de pesquisas que contemplem tais relações intergeracionais nas fases posteriores à infância e adolescência.

Cabe ainda pontuarmos, segundo Carvalho *et al.* (2025), que, no Brasil, as investigações sobre a relação família-escola ganham maior visibilidade a partir da década de 1970, apontando a necessidade de novas pesquisas que abordem a escolarização nas novas configurações familiares, especialmente nas relações intergeracionais entre avós e netos.

A educação formal e informal nas relações intergeracionais entre avós e netos

Com novos indivíduos contribuindo para o processo cultural e a transmissão da herança acumulada, os avós têm importância ímpar para esse processo. Como outros estudos já sinalizaram, construir uma rede de apoio doméstica para auxiliar nos cuidados das crianças, no acompanhamento escolar e em outras atividades do dia a dia é uma das maneiras encontradas pelas famílias contemporâneas para driblar as dificuldades nesse aspecto (Carvalho *et al.*, 2025; Carvalho *et al.*, 2024; Carvalho, 2023; Rosa *et al.*, 2022; Dias, 2022).

Em relação ao papel dos avós cuidadores, eles buscam construir estratégias educativas diretas ou indiretas que contribuem para o processo educativo dos netos. Aqueles que possuem um nível de escolaridade baixo, ou que já estão em idade avançada, auxiliam os netos de outras maneiras, inclusive recorrendo a ajudas externas. Como pesquisas recentes apontam (Carvalho *et al.*, 2024; Carvalho, 2023; Bragato *et al.*, 2023), eles se esforçam para que os netos possam lograr êxito na busca pela longevidade escolar, isto é, a permanência na escola até a entrada no Ensino Superior (Viana, 2006), bem como recorrem à construção de táticas e estratégias educativas.

Para Certeau (2012), a estratégia está atrelada ao caminho traçado pelo indivíduo; dito de outra forma, a estratégia é o cálculo consciente do que e como se fazer para atingir um objetivo. Já a tática acontece de maneira a se lançar em uma brecha: “(...) ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas” (Certeau, 2012, p. 94-95).

Desse modo, os avós cuidadores, em especial os pertencentes aos meios populares, por motivos variados (baixa escolaridade, saúde debilitada, pouca familiaridade com a cultura escolar, condição socioeconômica desfavorável, sobrecarga relacionada aos cuidados dispensados aos netos) nem sempre apresentam estratégias bem definidas em relação à escolarização dos mais novos, mas sempre se aproveitam de situações que podem

favorecer a longevidade escolar, como recorrer a redes de apoio – prática mais amplamente observada nas camadas populares (Carvalho, 2023).

Não perdendo de vista os conceitos de tática e estratégia, em se tratando das famílias dos meios populares, em alguns casos, podemos observar que estas podem até mesmo desconhecer os caminhos necessários que levam a prole à longevidade escolar, mas, por outro lado, constantemente agarram as chances que aparecem no percurso para atingir tal objetivo. Os avós cuidadores, além da busca por uma rede apoio para a escolarização dos netos, organizam uma rotina doméstica (Lahire, 1997) que propicia o desempenho escolar, bem como estipulam horários para brincar, acessar ao computador e estudar, além de manterem a vigilância das tarefas escolares e cobrança por boas notas na escola (Carvalho, 2023).

No caso dos avós cuidadores, cabe ainda pontuar que o processo de educação formal e informal dos netos é permeado de variadas práticas educativas que possibilitam a longevidade escolar. Não menos importante, o apoio afetivo e emocional oferecido aos netos contribui, de forma significativa, para o avançar nos estudos (Carvalho, 2023; Dias, 2022; Azambuja *et al.*, 2018). Apesar dessa realidade, tão latente nos seios familiares, em especial nas das camadas mais populares, o tema ainda carece de atenção na pesquisa acadêmico-científica, destacando a relevância em compreender as estratégias e práticas de avós cuidadores que visam à permanência dos netos nos bancos escolares.

Percurso Metodológico: caminhos percorridos

Nesta investigação, recorreremos à abordagem qualitativa respaldando-nos na afirmação de Goldenberg (1998): este tipo de pesquisa consegue estudar questões difíceis de serem quantificadas, como, por exemplo, sentimentos, motivações, crenças e atitudes individuais. Para isso, buscamos realizar um “(...) processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo” (Oliveira, 2005, p. 37).

Em um primeiro momento, fizemos um levantamento bibliográfico sobre as temáticas longevidade escolar, relações intergeracionais e práticas educativas entre avós e netos e Ensino Superior. O passo seguinte foi o envio do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e, após aprovação, partimos para a coleta de dados com o intuito de levantar quem eram os estudantes ingressantes na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

(*campus* Vitória da Conquista), no ano de 2024, que tiveram seus avós como cuidadores na trajetória da Educação Básica.

A escolha deste lócus de investigação considerou, entre outros fatores: a) ausência de pesquisas na instituição, em especial no campo da educação, que se debruçassem a discutir as trajetórias estudantis de indivíduos criados e/ou cuidados por seus avós; b) necessidade de estudos que contemplem o processo de escolarização em outras configurações familiares na atualidade, entre elas, as famílias em que os avós são protagonistas; e c) aprofundamento da temática de estudo com as discussões pertinentes à Linha de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da referida instituição de Ensino Superior.

Já sobre o critério de escolha do público alvo, isto é, os estudantes ingressantes, foi estabelecido a partir do pressuposto de que o nível de evasão pode ser expressivo para selecionar uma amostra em períodos subsequentes. Além disso, nosso interesse foi investigar as estratégias e táticas educativas familiares considerando o que é exposto sobre a longevidade escolar, ou seja, a permanência na escola até a inserção no Ensino Superior (Viana, 2006).

Os resultados da aplicação do questionário *on-line*^{iv}, que não serão apresentados integralmente neste artigo, tiveram por objetivo traçar um perfil socioeconômico dos estudantes respondentes, bem como conhecer como surgiu o interesse pelo curso de graduação e pela instituição de Ensino Superior escolhida. A segunda parte do questionário, que aqui será discutida, destinou-se apenas aos estudantes que tiveram seus avós como cuidadores, visando compreender como se dava a relação entre eles e qual a contribuição dos avós no processo de escolarização dos universitários.

A partir dos resultados obtidos com a mencionada ferramenta, identificamos quem eram os estudantes que tiveram seus avós como principais cuidadores, selecionando cinco deles para participar da entrevista semiestruturada, gravada e posteriormente transcrita. Para o exame dos dados, fruto das entrevistas realizadas, recorreremos à Análise de Conteúdo de Bardin (2011), observando o que foi dito pelos respondentes a partir da pré-análise, da exploração do material obtido e do tratamento e interpretação dos dados.

Apresentação e discussão dos resultados

Identificamos, de um universo de 51 respondentes do questionário aplicado, 19 estudantes ingressantes que tiveram seus avós como cuidadores. Contudo, considerando os

critérios de seleção do estudo, isto é, estudantes pertencentes aos meios populares e tempo de convivência com os avós (período diário superior a oito horas), chegamos a cinco estudantes, conforme pode ser observado no quadro a seguir, cujos nomes são fictícios para preservar a identidade dos participantes:

Quadro 1: Dados gerais sobre as estudantes entrevistados

Estudante	Idade	Curso	Tempo de cuidado pelos avós cuidadores	Principais práticas educativas dos avós cuidadores	Escolaridade dos avós cuidadores
Lane	38 anos	Filosofia	Tempo integral	Supervisão dos deveres escolares, reuniões escolares, apoio para ingressar na universidade, cobrança de boas notas na escola.	3ª série (avó) Não alfabetizado (avô)
Salamandra	23 anos	Letras Vernáculas	Tempo integral	Não auxiliavam os deveres escolares e nem compareciam às reuniões escolares.	Ambos analfabetos
Larissa	23 anos	Psicologia	Tempo parcial	Incentivo à leitura, compareciam às reuniões escolares, auxílio nos deveres escolares.	Analfabeta (avó) Ensino fundamental incompleto (avô)
Marcos	19 anos	Matemática	Tempo parcial	Não auxiliavam e nem supervisionavam os deveres escolares, comparecia às reuniões escolares, incentivo para ingressar na universidade	Ambos Analfabetos
Débora	19 anos	Pedagogia	Tempo integral	Supervisão dos deveres escolares, cobrança parcial de boas notas na escola, incentivo para ingressar na universidade.	4ª série (avó)

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

Para uma melhor compreensão e discussão dos achados, bem como visando atender aos objetivos propostos na pesquisa, optamos por três categorias de análise: a) perfil socioeconômico dos estudantes investigados; b) práticas educativas nas relações intergeracionais entre avós e netos; e c) desafios vivenciados ao longo da trajetória escolar.

a) Perfil socioeconômico dos estudantes investigados

Inicialmente, é necessário pontuar que a chegada de mais estudantes de camadas populares^v ao Ensino Superior não representou um acesso universal, mas configurou-se um cenário de vitórias significativas. Isso nos diz que “(...) o número de vagas nas universidades e IES cresceu, mas não acompanhou a necessidade real da população brasileira – especialmente a de baixa renda” (Bueno, 2023, p. 3).

O protagonismo dos avós cuidadores na escolarização de seus netos

Mediante esta constatação e a leitura dos dados levantados no nosso estudo, observamos que Lane, Salamandra, Larissa e Marcos, de certo modo, romperam o com o discurso de que a universidade pública e gratuita é um privilégio para ricos e, mesmo apresentando uma trajetória escolar de desafios, chegaram ao Ensino Superior público. Já Débora apresentou um percurso escolar privilegiado quando comparado com os demais entrevistados, como veremos a seguir.

Nossa primeira entrevistada, Lane, autodeclarada parda, possui renda familiar de 2 salários mínimos^{vi}. O pai da estudante, quando vivo, era lavrador e não foi alfabetizado, ao passo que a mãe, dona de casa, estudou até a 5ª série. A graduanda em Filosofia sempre estudou em escola pública e, em seu depoimento, disse que não tinha o conhecimento necessário para ingressar no Ensino Superior público, mas afirma que vem aprendendo por conta própria os caminhos a serem percorridos. Lane não fez nenhum cursinho pré-vestibular/Enem que contribuísse para seu ingresso na universidade pública.

Salamandra, autodeclarada parda, informou que a renda do grupo familiar perpassa entre 1 e 3 salários mínimos. Seus pais possuem Ensino Médio completo e ambos são funcionários públicos, embora a estudante não tenha conhecido o genitor. Até o 5º ano, estudou em escola particular; do 6º ao 8º ano, em Colégio Militar; e do 9º ano ao final do Ensino Médio frequentou a escola pública. Assim como Lane, a estudante de Letras Vernáculas informou-nos que não teve preparo adequado para o ingresso na universidade, pois entrou sem saber fazer redação e tem noção apenas da “matemática básica”. A participante atribuiu seu despreparo às falhas do Ensino Básico, pois, no Ensino Médio, vivenciou a falta constante de professores na rede pública. Também não fez curso preparatório vestibular.

A estudante de Psicologia, Larissa, autodeclarada parda, possui rendimento mensal familiar entre 1 e 1,5 salário mínimo. Seu pai tem Ensino Fundamental completo (não foi informada a profissão) e a mãe, faxineira, possui Ensino Médio completo. Também estudou integralmente a Educação Básica em escola pública e considera que não obteve conhecimento necessário para entrar no Ensino Superior, principalmente por ter concluído o Ensino Médio em escola rural. Larissa, assim como Lane e Salamandra, não fez nenhum curso pré-vestibular.

Marcos, estudante de Matemática, autodeclarado pardo, relatou que seu rendimento mensal familiar fica entre 1 e 3 salários mínimos. O nível de escolaridade do pai, operário de

fábrica, é Ensino Fundamental incompleto (5ª série), e a mãe, desempregada, possui a 8ª série. Estudou toda a Educação Básica em escola pública, assim como Larissa e Lane. Contrariamente às outras investigadas, o estudante do curso de Matemática pontuou que teve preparo adequado para ingressar na universidade pública, embora não tenha frequentado curso pré-vestibular.

Já Débora, autodeclarada parda, destoando dos demais estudantes investigados, foi a única que estudou em escola particular toda a Educação Básica, sendo o pai o responsável por custear os seus estudos. A estudante de Pedagogia se difere dos demais entrevistados não somente neste quesito: seus pais possuem Ensino Superior completo e a renda mensal familiar é de 6 salário mínimos. A respeito de sua trajetória, ela mesma reconhece suas vantagens ao longo da escolarização na Educação Básica: *“Eu tive o privilégio de estudar em escola particular, né? Então, eu com certeza, aprendi muito mais do que uma pessoa da escola pública”*. Assim como Marcos, Débora disse que teve um bom conhecimento para ingressar no Ensino Superior, embora, assim como os demais investigados, não tenha feito nenhum cursinho pré-vestibular.

Estas informações do perfil socioeconômico dos estudantes investigados nos trazem alguns apontamentos que merecem ser discutidos. O primeiro deles diz respeito à autodeclaração cor/raça. Os resultados desta pesquisa se aproximam do que é relatado por Trevisol *et al.*, uma vez que o lócus de investigação foi uma IES no interior da Bahia: *“(...) enquanto nas universidades do Sul e do Sudeste prevalecem estudantes autodeclarados brancos, nas regiões Norte e Nordeste predominam os autodeclarados pardos e pretos”* (Trevisol *et al.*, 2023, p. 171).

O segundo apontamento que merece ser explorado é a falta de preparo apontada por três dos estudantes entrevistados para ingressar no Ensino Superior. Aprender o ofício de estudante e aprender a se tornar um deles, como pontua Coulon (2008), é um processo árduo e doloroso, principalmente para aqueles que são oriundos dos meios populares. A adaptação aos códigos do Ensino Superior e a assimilação das rotinas acadêmicas se constituem, em muitos casos, em uma espécie de aprendizagem “forçada” para permanecer na universidade, ou seja, o tornar-se “estudante profissional”, de modo a evitar o abandono e a evasão.

Para além do marcador social da raça e do despreparo para ingressar na universidade pública, um terceiro apontamento que nos chamou a atenção diz respeito ao fato de nenhum dos cinco entrevistados ter frequentado cursos preparatórios para o vestibular/Enem. Cabe apontar que “(...) no preparatório para vestibular, fica notória uma aprendizagem que vai além dos conteúdos específicos para a prestação do concurso, um refinamento de consciência sobre os mais diferentes contextos” (Founier, 2021, p. 1678). Diante disso, afirmamos que estes estudantes não tiveram acesso, de certo modo, a aprendizados considerados necessários e pertinentes para transitar o mundo acadêmico.

Contudo, assim como ponderou Lahire (1997), indicadores sociológicos como origem social, meio social e grupo social, em muitos casos considerados causas de sucesso e de fracasso escolares, são elementos que influenciam as trajetórias escolares, embora não as determinem, pois grupos familiares do mesmo meio social possuem configurações particulares.

Do mesmo modo, a pesquisa de Souza e Silva (2003) revelou que os indivíduos de origem popular constroem trajetórias sociais distintas. Os relatos de onze jovens de comunidades locais da Maré – maior complexo de favelas do Rio de Janeiro na época – revelaram trajetórias escolares e pessoais marcadas por coincidências nas marcas, nas lembranças e na vivência cotidiana, bem como de distâncias nas alegrias e dores, escolhas e inserções, ligações e afastamentos.

b) práticas educativas nas relações intergeracionais entre avós e netos

As investigações sobre a relação família e escola ganham maior visibilidade a partir da década de 1970 no Brasil, o que nos sugere uma renovação nos trabalhos de pesquisa que passam a se debruçar sobre o entendimento das práticas educativas familiares nos meios populares. Por estudantes de camadas populares entendemos, assim como outros estudos já sinalizaram (Souza, 2014; Viana, 2014), aqueles indivíduos oriundos de famílias com limitados níveis de escolarização, baixo padrão de renda, vinculados a ocupações que exigem baixos níveis de qualificação.

Como mostra o estudo de Carvalho (2023), este segmento social tem se esforçado na construção de dinâmicas internas familiares e práticas educativas visando à longevidade escolar da prole. O esforço das famílias no que tange à longevidade escolar também foi destacado por Viana (2007), para quem as atitudes educativas que visam a intervenções práticas (controle metódico das atividades escolares, escolha dos estabelecimentos de

ensino, vigilância dos deveres escolares, comparecimento às reuniões pedagógicas, dentre outros) são capazes de oferecer apoio moral e afetivo às crianças e jovens em seus percursos escolares. Este papel, na sociedade contemporânea, tem sido, muitas vezes, realizado pelos avós cuidadores, mesmo que nos “bastidores”, apesar da baixa escolaridade e da pouca familiaridade com a cultura escolar^{vii}.

Tomando o caso de Lane, vimos que as práticas educativas desenvolvidas pelos avós cuidadores na infância e adolescência, principalmente pela avó materna, propiciaram um ambiente de estudo ordenado para a estudante de Filosofia. Mesmo com avós de baixa escolaridade (avó 3ª série e avô não alfabetizado), para a universitária, a importância deles em sua formação foi essencial para alcançar a longevidade escolar: a avó dava almoço, cuidava da roupa, castigava a estudante para que frequentasse a escola, quando necessário, e dava “*aquele dinheiro enroladinho*”.

De acordo com a entrevistada, sua avó a levava para a escola, pois a mãe trabalhava o dia todo, bem como participava, na maioria das vezes, das reuniões escolares. Quanto à compra de materiais escolares, a mãe dava o dinheiro, mas quem se encarregava de comprá-los era a avó e o tio, os quais também ajudavam a menina nos deveres de casa. Neste caso, vale lembrar que recorrer aos tios como uma opção para auxílio na escolarização é uma estratégia que outros estudos já apontaram como eficaz em algumas configurações familiares contemporâneas (Carvalho *et al.*, 2025; Carvalho, 2023; Fletcher, 2019).

Segundo Lane, sua avó não a levava em eventos culturais porque não tinha tempo disponível e sua dedicação era direcionada às atividades domésticas. A neta nos relatou que sua cuidadora exigia e supervisionava o horário de estudos e local: no tapete da sala e no período da tarde. Além disso, a estudante pontuou que a avó também a incentivava a ler e controlava os momentos de lazer, como, por exemplo, não lhe deixando ficar muito na televisão.

Salamandra relatou-nos uma participação dos avós um pouco mais tímida em sua escolarização, se comparada com Lane. Ela ficava sob os cuidados dos avós maternos enquanto a mãe trabalhava. Ambos analfabetos, não a auxiliavam nos deveres escolares (tarefa da mãe) e não cobravam boas notas, bem como não incentivavam a leitura. Também não contribuíam financeiramente, no que diz respeito à aquisição de material escolar,

O protagonismo dos avós cuidadores na escolarização de seus netos

transporte escolar, entre outros, pois, segundo a universitária, eles não tinham condições para tal. Este investimento era tarefa da sua mãe, como relatou.

Os avós da estudante não exigiam uma rotina de estudos diária e não havia um local específico para a realização dos deveres escolares. Salamandra acrescentou que, até hoje, como ainda reside com os avós e a casa tem muita gente e barulho, não tem local apropriado para estudar. Já a respeito das reuniões escolares, ela disse que seus avós compareciam quando a mãe não podia ir e ainda afirmou que, nas comemorações escolares referentes ao Dia dos Avós, eles não faltavam.

Contudo, mesmo que a graduanda não tivesse tido apoio dos avós na realização das tarefas escolares, ajuda financeira e que seus cuidadores não tenham propiciado sua participação em atividades culturais, cabe ressaltar que outros cuidados foram relevantes e tiveram impacto na escolarização longa da estudante de Letras Vernáculas. Como ela nos relatou, seus avós ofereciam ensinamentos diversos sobre educação, respeito e outros valores. Além disso, quando indagada sobre o que aprendeu com seus eles, afirmou: *“Com a minha avó aprendi a costurar... eu aprendi, né... Na verdade, tudo o que sei, aprendi com minha avó e meu avô”*.

O depoimento de Salamandra se aproxima do que foi observado no estudo de Souza e Silva (2003). Uma de suas entrevistadas, Ana, ponderou o fraco investimento pedagógico da família em seu processo de escolarização, além de distanciamento da cultura escrita. Segundo ela, os pais não faziam leitura de uma revista ou jornal, nem propiciavam idas ao teatro ou cinema aos filhos. Como afirmam Nogueira e Nogueira (2002), o maior peso para o sucesso escolar recai sobre o capital cultural dos indivíduos e o desempenho escolar depende, em grande medida, dos saberes que o aluno adquiriu em seu núcleo familiar e social.

Larissa, estudante de Psicologia, ficava sob os cuidados de seus avós maternos na infância e adolescência por mais de 6 horas diárias, para que seus pais pudessem trabalhar. Seu avô tem Ensino Fundamental incompleto (2ª série) e é lavrador; sua avó, dona de casa, é analfabeta. Apesar da baixa escolaridade de seus cuidadores, a graduanda nos relatou que eles a auxiliavam nos deveres escolares, quando possível, e ela aguardava a mãe chegar do trabalho para ajudá-la naquilo que eles não podiam. Seu avô cobrava boas notas na escola e ambos os cuidadores a incentivavam nas práticas de leitura, embora não comparecessem às reuniões escolares e nem exigissem uma rotina de estudos diária.

Ao contrário de Lane e Salamandra, Larissa teve ajuda dos avós na aquisição de material escolar, uniformes, lanches, pagamento de transporte escolar e cursos extraescolares (Senai). A estudante reconhece o papel essencial de seus cuidadores em sua formação pessoal e escolar: seu avô, segundo ela, foi o pai que não teve na infância e, inclusive, era ele que recebia o prestígio nas festividades escolares de Dia dos Pais.

Assim como Lane e Salamandra, a estudante afirmou que seus avós ofereceram ensinamentos diversos sobre educação, moral, respeito e outros valores, o que reverbera para o sucesso escolar, considerando que a escola, espaço plural de identidades, é um ambiente com regras e normas de convivência que exigem tais aprendizados. Por conseguinte, Larissa também destacou que seus avós foram seus maiores incentivadores para que ela ingressasse no Ensino Superior, mesmo a avó não sabendo ler. Segundo ela,

Meu avô me incentivou muito a entrar na universidade, pois sou a primeira neta a entrar na universidade... ele me incentiva até hoje e ele tem muito orgulho disso... ele me ajuda na passagem, porque eu não posso trabalhar porque o curso de Psicologia é diurno, então eu tive que sair do emprego que eu tinha para estudar (Larissa, estudante de Psicologia).

O relato de Marcos se aproxima bastante do que foi relatado por Larissa, a respeito do reconhecimento do papel dos avós na trajetória escolar dos estudantes universitários. O estudante de Matemática também pontuou que seus avós o incentivaram a entrar na universidade e que, quando isso aconteceu, “(...) eles ficaram muito felizes...! Eu nunca vou me esquecer de ver minha avó chorando quando eu fui embora da minha cidade”.

Os avós paternos e maternos de Marcos não tiveram instrução e eram trabalhadores rurais. O estudante ficava sob os cuidados dos avós maternos durante todo o dia para que seus pais pudessem trabalhar. No entanto, eles não o ajudavam nos deveres escolares devido ao fato de serem analfabetos. Sua irmã e uma tia é que ofereciam auxílio, em algumas ocasiões, reforçando que os tios têm contribuição na educação formal quando solicitados (Carvalho, 2023; Fletcher, 2019).

Marcos ainda relatou que não tinha horário e local específico para estudar, sendo ele mesmo o responsável por controlar seu tempo de estudo. A mãe do hoje estudante de Matemática era quem comprava os materiais escolares, mas sua avó ajudava com os gastos de lanche na escola. Ambas compareciam às reuniões escolares e o estudante destacou que

sua avó teve muita importância em sua formação, pois ofereceu apoio emocional para ele prosseguir nos estudos.

Por último, Débora, estudante do curso de Pedagogia, apresentou vantagens na configuração familiar se comparada aos outros quatro entrevistados. Além da renda mensal de sua família ser superior a 3 salários mínimos, sua escolarização se deu na rede particular. Ademais, sua avó materna era merendeira (hoje aposentada) e sua mãe é professora da Educação Básica, o que facilitou inculcar em Débora as normas e regras exigidas pela escola e que, certamente, facilitaram a busca pela longevidade escolar.

A avó cuidadora de Débora tem a 4ª série primária e, por isso, auxiliava parcialmente a neta nos deveres escolares. Ela também cobrava boas notas na escola e incentivava práticas de leitura, mas comparecia às reuniões escolares esporadicamente. A estudante ainda pontuou que sua avó exigia uma rotina de estudos e fazia a supervisão: segundo a graduanda, à tarde sentava-se à mesa para estudar e, se surgisse alguma dúvida, perguntava ao tio e à avó. Ela nos contou, ainda, que se dedicava aos estudos, em média, 3 horas por dia, sendo a entrevistada que mais demonstrou comprometimento com esta tarefa.

A ordem moral doméstica observada nesta configuração familiar certamente contribuiu para o sucesso escolar de Débora: a gestão organizada do dia a dia, o apoio indireto da avó e do tio nas tarefas escolares, e um ambiente adequado para os estudos. Na pesquisa de Souza e Silva (2003), a entrevistada Lia também sinalizou que sua família, mesmo pertencendo aos meios populares, era considerada “bem organizada” e que seus pais obrigavam a frequência à escola. Como o estudo de Lahire (1997) mostra, há dinâmicas familiares internas que visam superar desvantagens educacionais, econômicas, sociais e culturais.

A respeito de ajuda financeira, a estudante de Pedagogia disse que sua mãe era a responsável pela compra dos materiais escolares e sua avó contribuía com o dinheiro destinado à merenda escolar. Em seu relato, ressaltou também que a avó teve papel de pai em sua formação: *“Ela foi muito importante, inclusive porque ela foi uma das pessoas que mais me incentivou a continuar na escola e a ir para o curso de graduação”*.

Ao analisar as práticas educativas nas relações intergeracionais entre avós e netos nestas configurações familiares, afirmamos que Débora é a estudante que mais se aproxima das teorias defendidas por Lahire (1997), cujos elementos que se sobressaltam são: a ordem moral doméstica, controle do tempo destinado aos estudos e as expectativas depositadas

no sucesso escolar. Nesse ínterim, destacamos, ainda, que a universitária foi favorecida por elementos que destoam das demais configurações familiares deste estudo, pois os fatos de a mãe ser professora da Educação Básica e a avó, merendeira aposentada, são elementos que contribuíram para a internalização da cultura escolar.

Entretanto, pontuamos que, embora todos os avós cuidadores dos estudantes investigados não apresentem escolaridade elevada, este elemento não impossibilitou que os netos chegassem ao Ensino Superior público. Neste sentido, estas famílias criaram estratégias e táticas educativas que contribuíram para o processo de escolarização, ofertando, na maioria dos casos, apoio financeiro e emocional aos estudantes ao longo de seus percursos escolares. Como destaca Portes (2014), atitudes educativas que visam a intervenções práticas (controle das atividades escolares, escolha dos estabelecimentos de ensino e das carreiras escolares, vigilância dos deveres escolares, comparecimento às reuniões pedagógicas e conselhos de classe, dentre outras práticas) são capazes de contribuir para o sucesso e a longevidade escolar nos meios populares.

c) desafios vivenciados ao longo da trajetória escolar

Como no Brasil as desigualdades econômicas, sociais e raciais ocupam um lugar importante na produção e no aprofundamento das desigualdades escolares, nesta pesquisa buscamos também identificar os desafios vivenciados pelos estudantes investigados ao longo de seus percursos escolares. Em uma pesquisa sobre trajetórias escolares de sujeitos oriundos de camadas populares em cursos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Portes (1993) sinalizou que, para vencer situações desafiadoras ao longo do processo de escolarização, a família é um refúgio necessário para o jovem estudante.

A princípio, destacamos que o pertencimento a um grupo social (classe popular, com exceção de Débora) não foi um elemento impeditivo para o alcance da longevidade escolar pelos entrevistados, entretanto, isso não significa a ausência de trajetórias escolares com elevado grau de dificuldade.

No caso de Lane, a estudante nos relatou que, dentre os desafios vivenciados ao longo de seu percurso escolar, o maior deles foi o medo do transporte escolar, pois os ônibus eram precários e a estrada rural, perigosa. Ela perdeu pessoas que gostava no trajeto para a escola, em decorrência de acidentes, e disse que este desafio ainda é um trauma a ser

superado. Ao lado disso, a graduanda de Filosofia pontuou que a falta de conhecimento necessário para ingressar no Ensino Superior público foi outro desafio vivenciado.

Situação próxima da relatada por Lane quanto à precariedade do transporte escolar foi exposta no estudo de Sambrana (2023), ao pesquisar trinta docentes que atuam nas escolas do campo do município de Corumbá/ MS. Os professores pesquisados relataram a extensa distância percorrida pelos estudantes no trajeto residência/escola, as vias de terra precárias e a ausência de sinalização, além do desgaste, do cansaço e da desmotivação dos alunos que dependem deste meio de transporte para permanecerem na escola.

O desafio relacionado à falta de conhecimento sobre os processos de inserção na universidade também foi relatado por Salamandra. A estudante informou que chegou à graduação sem saber fazer uma boa redação, regras de acentuação e apenas com noções de matemática básica. Ela atribui essa lacuna às falhas que teve na escolarização ao longo do Ensino Médio (falta de professores na rede pública de ensino).

Contudo, como nos relatou Salamandra, seu maior desafio foi o fato de ter sofrido *bullying* e racismo por causa do seu cabelo, sendo diversas vezes motivo de piada pelos colegas de classe. A respeito disso, é importante mencionarmos que “(...) as violências causadas pelo racismo e as profundas desigualdades decorrentes da discriminação racial, situam-se entre os mais duradouros e desafiadores problemas que permeiam as sociedades contemporâneas” (Panta; Silva, 2024, p. 4).

Já a estudante de Psicologia, Larissa, destacou como desafio ao longo do processo de escolarização na Educação Básica os gastos com transporte escolar. Segundo nos relatou, pagar R\$ 8,00 (oito reais) diariamente de passagem era “pesado” para ela e sua família. Para vencer este desafio, seus avós cuidadores a ajudaram financeira e emocionalmente. Destacamos, em concordância com Portes (2014), que as necessidades de ordem econômica retiram do estudante a concentração necessária exigida para os estudos e, reforçando o estudo de Viturino e Dias (2022), muitos avós contemporâneos têm cumprido um importante papel no suporte emocional dos netos, bem como oferecem ajuda financeira.

Débora, como informado, foi a estudante que apresentou privilégios em seu percurso escolar na Educação Básica e essa vantagem é reconhecida pela própria graduanda em seu depoimento. Quando questionada a respeito das dificuldades vividas nessa fase escolar, afirmou: “*Eu fui uma pessoa muito privilegiada e eu não tive muitos desafios*”. Segundo ela, o

maior desafio vivido foi o dinheiro para a merenda, mas sua avó a ajudava na compra do lanche.

Finalmente, nosso último entrevistado, Marcos, assim como Salamandra, também citou que sofreu *bullying* na Educação Básica. A esse respeito, vale lembrar que Pimentel et al. (2020) apontam como consequência que o indivíduo pode apresentar sintomas de depressão, ansiedade e estresse. Apesar disso, o estudante ponderou que o principal desafio enfrentado esteve relacionado a problemas de ordem financeira e não necessariamente ao *bullying*.

Como podemos observar, com exceção de Débora, alcançar a longevidade escolar perpassou pelo desafio de trilhar um caminho árduo para estes estudantes. Embora não seja exatamente o foco deste estudo, mas constitua uma de suas vicissitudes, podemos inferir que os desafios superados na Educação Básica podem ainda ter consequências na permanência estudantil universitária. Isso porque, como revela Coulon (2008), os estudantes que chegam ao Ensino Superior ficam, muitas vezes, surpresos ao terem que enfrentar tanta dificuldade de adaptação a esse novo quadro que é a universidade. O “tempo de estranheza”, ou seja, a primeira fase do processo de afiliação e adaptação dos estudantes a um novo universo social (ambiente universitário), coloca-os à frente dos dispositivos institucionais a partir dos quais terão de trabalhar, segundo o autor.

Considerações Finais

Os resultados aqui apresentados são frutos de uma pesquisa desenvolvida no pós-doutorado em Educação e tiveram o objetivo de compreender as principais táticas e estratégias educativas de avós cuidadores, pertencentes às camadas populares e que contribuíram para a longevidade escolar e a inserção de seus netos na universidade pública. Sem a pretensão de esgotar as discussões sobre o processo de ingresso no Ensino Superior e as desigualdades sociais e escolares – reflexões pertinentes à Sociologia da Educação – os achados vislumbram aprofundar temáticas que estão em debate no campo educacional.

Foi possível inferir, inicialmente, que o pertencimento a cor/raça (parda) e a um grupo social desfavorecido (classe popular) não foram elementos determinantes do destino escolar dos indivíduos, mas, de certo modo, impactaram a escolarização, tornando-a mais penosa. Desafios, traumas e força de vontade marcaram a trajetória escolar dos entrevistados.

O protagonismo dos avós cuidadores na escolarização de seus netos

O segundo resultado que merece destaque é a falta de preparo mencionada por três dos cinco estudantes para ingressar no Ensino Superior. Como indicamos, esta fragilidade pode ainda apresentar consequências ao longo da graduação, tendo em vista que a adaptação aos códigos do Ensino Superior e a internalização e assimilação das rotinas acadêmicas se constituem, em muitos casos, uma espécie de aprendizagem “forçada” para o não abandono e evasão do curso.

O terceiro resultado encontrado diz respeito ao apoio financeiro e emocional ofertado aos estudantes ao longo de seus percursos escolares. Notamos que os avós cuidadores, mesmo com recursos financeiros escassos, contribuíam para que os netos pudessem permanecer na escola (ajudavam nos lanches, materiais escolares, vestuário, dentre outras colaborações).

Com exceção de uma graduanda que afirmou ter sido privilegiada em seu percurso escolar, o quarto resultado que merece destaque é a resiliência dos estudantes investigados. Mesmo tendo vivenciado situações desafiadoras ao longo da escolarização na Educação Básica (*bullying*, racismo, traumas relacionados ao transporte escolar, situação financeira precária), estes graduandos resistiram e persistiram para chegarem ao Ensino Superior público.

Em relação às questões levantadas na pesquisa, citamos que, dentre as principais estratégias, táticas e mobilizações educativas das avós e dos avôs cuidadores de camadas populares que influenciaram a longevidade escolar e a inserção dos seus netos e netas no Ensino Superior Público, estão a observância aos deveres escolares, a cobrança por boas notas na escola, e o apoio emocional e financeiro aos netos investigados. No que diz respeito às redes de apoio que os avós recorriam para contribuir na trajetória escolar dos netos, os tios foram citados como pessoas que colaboraram nesta empreitada, além das próprias mães dos estudantes.

Concluimos ressaltando a importância de futuras investigações sobre trajetórias escolares “improváveis” e a longevidade escolar nos meios populares, levando em consideração como demais atores sociais (avós, tios, primos, vizinhos, dentre outros) têm participado e contribuído no processo de escolarização de estudantes universitários. Além disso, sugerimos pesquisas na área da educação que se debrucem a discutir o protagonismo dos avós cuidadores na escolarização de netos por eles criados e/ou cuidados, considerando

que, na atualidade, estes indivíduos estão desempenhando um papel crucial nos contextos familiares.

Referências

AZAMBUJA, Rosa Maria da Motta; RABINOVICH, Elaine Pedreira; RAMOS, Maria Natália Pereira. Avós e Interculturalidade: “o que ensina e aprende com os netos”? In: XYPAS, Rosiane; COSTA-FERNANDEZ, Eliane M.; LAURENDON, Candy Marques (org.). **Comunicação e interculturalidade: educação, novas tecnologias e linguagens** [recurso eletrônico]. Recife: Ed. UFPE, 2018. p. 353-371.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança. **Temas em Pedagogia**, n. 3, p. 33-49, 1997. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300005. Acesso em: 12 abr. 2025.

BRAGATO, Aline Guarato da Cunha Bragato; GARCIA, Luan Augusto Alves; CAMARGO, Fernanda Carolina; PAULA, Fabiana Fernandes Silva de; ELIAS, Henrique Ciabotti; MALAQUIAS, Bruna Sthephanie Sousa; SANTOS, Álvaro da Silva. Avós cuidadores de netos: análise do perfil e intensidade dos cuidados. **Cogitare Enferm.**, v. 28, p. 1-13, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/cenf/a/nKnHWrLhS8HrCbL7TPM88mk/?lang=en>. Acesso em: 11 mar. 2026.

BRASIL. **Lei n. 10.741, de 1 de outubro de 2003**. Dispõe sobre o estatuto do idoso. Brasília: Senado Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741compilado.htm. Acesso em: 29 jul. 2021.

BUENO, Chris. Universidade pública no Brasil: nova expansão com novos significados. **Ciência e Cultura**, s.l., 2023. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v75n1/v75n1a16.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2025.

CAMARANO, Ana Amélia. Muito além dos 60? Impacto de uma pandemia na dinâmica de crescimento da população idosa. **Geriatr Gerontol Aging**, v. 16, e0220036, p. 1-5, 2022. Disponível em: https://cdn.publisher.gn1.link/ggaging.com/pdf/pt_v16e0220036.pdf. Acesso em: 19 mar. 2025.

CAMARANO, Ana Amélia. Os dependentes da renda dos idosos e o coronavírus: órfãos ou novos pobres? **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. supl. 2, p. 4.169-4.176, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/csc/a/pgDTDv7hLHfHRtsvbFbsQqg/?lang=pt>. Acesso em: 11 mar. 2026.

CARVALHO, Tatiane Kelly Pinto de; COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação; MOREIRA, Núbia Regina. As relações família-escola nas novas configurações familiares: o protagonismo das avós cuidadoras na escolarização dos netos. **Educar Em Revista**, Curitiba, v. 41, 2025. p. 1-18.

O protagonismo dos avós cuidadores na escolarização de seus netos

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/wQ7L6myD8xNHSXmRvD8qmHd/?format=html&lang=pt>.

Acesso em: 11 mar. 2026.

CARVALHO, Tatiane Kelly Pinto de; COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação; MOREIRA, Núbia Regina. Relações de ensino-aprendizagem nas novas configurações familiares: os avós cuidadores e a educação dos netos. **Educação On-Line** (PUCRJ), v. 19, p. 1, 2024. Disponível em: <https://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/1866>. Acesso em: 11 mar. 2026.

CARVALHO, Tatiane Kelly Pinto de. **Trajetórias escolares “improváveis”**: a longevidade escolar de universitários de camadas populares criados ou cuidados por seus avós. 2023. 212f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2023.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2012.

COULON, Alain. **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Mapeando o relacionamento avós e netos. In: DIAS, Cristina Maria de Souza Brito (org.). **Avosidades**: teoria, pesquisa e intervenção. Campinas, SP: Editora Alínea, 2022, p. 25-38.

FLETCHER, Luiza. Crianças que têm as tias presentes vivem uma infância mais feliz. **O Segredo.com.br**, s.l., 08 de outubro de 2019. Disponível em: <https://osegredo.com.br/criancas-que-tem-as-tias-presentes-vivem-uma-infancia-mais-feliz/>. Acesso em: 19 mar. 2025.

FOUNIER, Ana Cristina. Educação formal e não formal em um pré-vestibular e sua importância no desenvolvimento individual e na inserção social de estudantes trans, negros e periféricos. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v.7, n.3, p. 1666-1680, set-dez de 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/54914>. Acesso em: 11 mar. 2026.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GUEDES; Moema Castro.; ALVES, José Diniz. A população feminina no mercado de trabalho entre 1970-2000: particularidades do grupo com nível universitário. In: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. **Anais do XIV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**. Caxambú (MG), 20- 24 de set. de 2004, p. 1-10.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldefeder. São Paulo: Edições Ática, 1997.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 3, n. 78, p. 15-36, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wVTm9chcTXy5y7mFRqRjX7m/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 mar. 2026.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

PANTA, Mariana; SILVA, Maria Nilza da. Os impactos do racismo na trajetória de estudantes do ensino médio: experiências e percepções de negros e brancos. **Sociologias**. Porto Alegre, v. 26, p. 1-31, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/Gbmtqq3YrxkZpFvjVrv4zXB/?lang=pt>. Acesso em: 11 mar. 2026.

PIMENTEL, Fernanda de Oliveira; MÉA, Cristina Pilla Della; PATIAS, Naiana Dapieve. Vítimas de bullying, sintomas depressivos, ansiedade, estresse e ideação suicida em adolescentes. **Acta Colombiana de Psicología**, v. 23, n. 2, p. 205-216, 2020. Disponível em: <https://actacolombianapsicologia.ucatolica.edu.co/article/download/2568/3444>. Acesso em: 11 mar. 2026.

PORTES, Écio Antônio. **Trajetórias e estratégias do universitário das camadas populares**. 210f. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1993.

PORTES, Écio Antônio. A vida universitária de estudantes pobres na UFMG: possibilidades e limites. In: PIOTTO, Débora Cristina (Org.) **Camadas populares e universidades públicas**: trajetórias e experiências escolares. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014, p. 23-54.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; BASTOS, Ana Cecília de Sousa. A presença e a ausência das avós marcando a vida das gerações: a intimidade nas relações entre avós, suas filhas e seus netos. In: RABINOVICH, Elaine Pedreira; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; BRITO, Eliana Sales; FERREIRA, Marilaine Menezes (orgs.) **Envelhecimento e intergeracionalidade**: olhares interdisciplinares. Curitiba: CRV, 2019, p. 323-336.

ROSA, Denise Costa; CARVALHO, Tatiane Kelly Pinto de; COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. Quando os avós administram os deveres escolares: práticas educativas de avós cuidadores dos netos. **Série-Estudos**, v. 27, p. 173-191, 2022. Disponível em: <https://serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/1546>. Acesso em: 11 mar. 2026.

SAMBRANA, Joeci das Dores Gonçalves. As implicações do transporte escolar na vida escolar dos estudantes: uma visão dos profissionais de educação das escolas do campo do Município de Corumbá/MS. In: V Congresso de Educação do CPAN. IV Semana Integrada de Graduação e Pós Graduação do CPAN. **Anais do V Congresso de Educação do CPAN**. Corumbá, 29 de maio a 01 de junho de 2023. p. 1-14.

SOUZA, Maria do Socorro Neri Medeiros de. Estudantes de origem popular nos cursos mais seletos da UFAC. In: PIOTTO, Débora Cristina (org.). **Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014, p. 212-251.

SOUZA E SILVA, Jailson de. **“Por que uns e não outros?”**: a caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

TREVISOL, Joviles Vitorio; BELLO, Joselha Cristina Dal; NIEROTKA, Rosileia Lucia. A lei de cotas e as mudanças no perfil dos ingressantes das universidades federais brasileiras. **Sér.-Estud.** [online], v. 28, n. 64, p. 155-184, 2023. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S231819822023000300155&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 out. 2024.

VIANA, Maria José Braga. Em que consiste a excelência escolar dos meios populares? O caso de universitários da UFMG que passaram pelo programa Bom Aluno de Belo Horizonte. In: PIOTTO, Débora Cristina. (org.) **Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014, p. 13-43.

VIANA, Maria José Braga. **Longevidade escolar em famílias populares: algumas condições de possibilidade**. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2007.

VIANA, Maria José Braga. **Formas específicas de presença das famílias de camadas populares na escolarização dos filhos: casos de longevidade escolar**. Relatório de Pesquisa. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2006.

VITURINO, Maria Mirtes Magalhães; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. O protagonismo do avô na família monoparental feminina. In: DIAS, Cristina Maria de Souza Brito (org.). **Avosidades: teoria, pesquisa e intervenção**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2022, p. 159-180.

Notas

ⁱ No Brasil, segundo o Estatuto do Idoso (Lei 10.741/2003), a pessoa idosa é aquela com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, que tem todos os seus direitos resguardados de modo a preservar sua integridade física, moral, mental, física, intelectual e espiritual.

ⁱⁱ Por configurações familiares, ancoramo-nos no conceito defendido por Lahire (1997), fundamentado em uma antropologia da interdependência humana que considera os indivíduos como seres sociais que vivem em relação de interdependência. Na construção das configurações familiares, o autor elenca cinco traços pertinentes de análise das famílias: I. As formas familiares da cultura escrita, II. As condições e disposições econômicas, III. A ordem moral doméstica, IV. Os modos familiares de investimento pedagógico e V. As formas da autoridade familiar.

ⁱⁱⁱ Pesquisa de Pós-Doutoramento em Educação desenvolvida na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Aprovada sob o CAEE: 79565624.8.0000.0055.

^{iv} Conseguimos obter respostas dos estudantes matriculados nas seguintes graduações, totalizando 51 respondentes: Geografia, Economia, Direito, Letras Vernáculas, Letras Modernas, Ciências Biológicas, História, Ciência da Computação, Ciências Sociais, Matemática, Filosofia, Psicologia e Pedagogia. Os demais cursos não demonstraram interesse em participar da pesquisa.

^v De acordo com a metodologia utilizada pelo Instituto Brasileira de Geografia e Estatística - IBGE (2016), a classe A compreende sujeitos que têm uma renda mensal acima de 20 salários mínimos; a classe B, entre 10 e 20 salários mínimos; a C perpassa entre 4 e 10 salários mínimos; a D compreende de 2 a 4 salários mínimos; e por último, a E, até 2 salários mínimos.

^{vi} Tomando como referência o salário mínimo em 2024, de R\$ 1.412,00.

^{vii} Considerando que a cultura escolar está atrelada ao conjunto de saberes, valores, crenças, normas e práticas compartilhadas e vivenciadas em um ambiente escolar, que compõe a base de conhecimentos sobre a qual interação alunos e professores, entendemos, a partir do nível de escolaridade dos avós cuidadores, que eles se distanciam deste universo. Entretanto, os avós cuidadores percebem a importância da educação e recorrem a práticas e estratégias educativas visando a longevidade escolar de seus netos.

Sobre as autoras

Tatiane Kelly Pinto de Carvalho

Pós-Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB – PPGEd). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Licenciada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Email: tkpcarvalho@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0933-6734>

Núbia Regina Moreira

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB – PPGEd). Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Email: nubia.moreira@uesb.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6171-6756>

Recebido em: 14/04/2025

Aceito para publicação em: 26/12/2025